

# A Lingüística Cognitiva e o realismo corporificado: Implicações filosóficas e psicológicas

Lilian Vieira Ferrari \*

## Resumo

Este trabalho enfoca o Realismo Corporificado, como contraparte filosófica da Lingüística Cognitiva, reenquadrando questões relacionadas a dicotomias filosóficas tradicionais, tais como empirismo x racionalismo e reducionismo x relativismo. Discutem-se também algumas implicações psicológicas do Realismo Corporificado, enfocando-se a questão da categorização.

Palavras-chave: *realismo corporificado, Lingüística Cognitiva, dicotomias filosóficas, categorização.*

## Abstract

This paper focus on Embodied Realism, as a philosophical counterpart of Cognitive Linguistics, reframing issues related to traditional philosophical

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro/Depto de Lingüística

dichotomies, such as empiricism x rationalism and reductionism x relativism. Some psychological implications of Embodied Realism are also addressed, specifically the issue of categorization.

Keywords: *embodied realism, Cognitive Linguistics, philosophical dichotomies, categorization.*

## Introdução

No livro *“Metaphors we live by”* (1980), Lakoff & Johnson argumentam que a existência de metáforas conceptuais requer que várias suposições fundamentais da tradição filosófica ocidental com relação a *significado, conceptualização, razão, conhecimento, verdade e linguagem* sejam repensadas. Quase vinte anos depois, com a publicação de *“Philosophy in the Flesh”* (Lakoff & Johnson, 1999), várias descobertas empíricas sobre a natureza da mente advindas da Lingüística, Psicologia, Neurociência Cognitiva e Antropologia tornaram-se disponíveis, não apenas reforçando as idéias iniciais sobre a natureza constitutiva das metáforas conceptuais, mas também revelando implicações para as tradições filosóficas bem estabelecidas, como a filosofia analítica anglo-americana e a filosofia pós-moderna.

Em particular, o dualismo cartesiano, que teve longa influência na filosofia tradicional, e que influenciou fortemente a lingüística contemporânea e a ciência cognitiva “clássica” nos moldes chomskyanos, tem sido desafiado pela *tese da corporificação*, que é central para a Lingüística Cognitiva, tanto como perspectiva filosófica geral quanto como fonte de hipóteses específicas sobre o significado lingüístico, metáfora, imaginação e correspondências cognitivas (Johnson, 1987; Lakoff & Johnson, 1999).

Enquanto o cartesianismo postula uma racionalidade formal e universal, instanciada inatamente no organismo humano, a tese da corporificação reforça a continuidade e o caráter motivado da relação entre experiência corporal pré ou não-lingüística e a cognição; além de buscar princípios explanatórios profundos na neurobiologia humana. A tese da corporificação é compatível com o pensamento corrente em Neurociência Cognitiva (Damásio, 1994). É também consistente com modelos computacionais conexionistas epigenéticos (Elman et al., 1996). Essa tese está, portanto, em sintonia com a segunda geração da ciência cognitiva que vem ganhando terreno, e na verdade, pode ser encarada como uma das principais contribuições filosóficas que a lingüística cognitiva oferece para essa “nova” ciência cognitiva.

Os três principais achados das “Ciências Cognitivas” que podem estabelecer as bases para essa reflexão são os seguintes:

- A. “A mente é inerentemente corporificada.”
- B. “O pensamento é, em grande parte, inconsciente.”
- C. “Os conceitos abstratos são, em sua maioria, metafóricos.”

Os achados listados acima desafiaram alguns dos pilares básicos da filosofia tradicional e, em especial, algumas dicotomias clássicas. A seguir,

discutiremos o modo pelo qual duas dicotomias clássicas existentes na tradição filosófica são repensadas à luz da *tese da corporificação*. São elas: a dicotomia *empirismo-racionalismo* e a dicotomia *reducionismo-relativismo*.

## 1. A dicotomia empirismo-racionalismo

O primeiro ponto a ser discutido é a questão da dicotomia *empirismo-racionalismo*. O empirismo clássico é uma posição filosófica que argumenta que os seres humanos nascem como *tabula rasa* – uma folha de papel em branco: nenhum conhecimento é inato, e todo conhecimento é adquirido através dos sentidos. O empirismo opõe-se ao racionalismo, que argumenta que toda razão humana (e portanto, a estrutura conceptual humana) é inata.

A Neurociência moderna tem demonstrado, entretanto, que as dicotomias inato-aprendido, natureza-educação e racionalismo-empirismo não se sustentam. Não há como distinguir exatamente o que é inato do que é aprendido. A recente revelação de que bebês aprendem parte do sistema entonacional de suas mães no útero questiona a dicotomia inato-aprendido: tal sistema é aprendido, mas a criança já nasce com ele.

A dicotomia também é ameaçada pela descoberta de que nossos sistemas visuais são ligados no útero via padrões neurais ativados na retina. A aprendizagem neural tem lugar, com input de órgãos perceptuais, mas sem nenhuma percepção de algo externo – e bem antes do nascimento.

O que se observa é que achados empíricos como esses não se encaixam nem no racionalismo nem no empirismo. Lakoff & Johnson propuseram, então, uma terceira alternativa, à qual denominaram inicialmente *experencialismo* em *Metaphors we live by* (1980) e depois descreveram como *realismo corporificado* em *Philosophy in the Flesh* (1999).

Os autores reúnem evidências que favorecem tanto mecanismos cognitivos inatos quanto aprendidos. No caso de esquemas imagéticos, concordam com a versão neural de Regier (1996) sobre a teoria de DINÂMICA DE FORÇAS de Talmy (1985), em que se afirma que esquemas imagéticos complexos são aprendidos e, ao mesmo tempo, compostos de primitivos universais, possivelmente inatos. Lakoff & Johnson rejeitam, portanto, a dicotomia racionalismo-empirismo em favor de evidências indicando uma terceira alternativa que permite tanto aspectos inatos quanto aprendidos de nossos sistemas conceptuais.

A visão experencialista, portanto, encara a experiência como resultado de estruturas cognitivas e sensorio-motoras corporificadas que geram significado através de interações permanentes com ambientes em constante mudança. A experiência é sempre um processo *iterativo*, envolvendo restrições fisiológicas e neurais do organismo tanto quanto ganhos característicos do ambiente e de outras pessoas para criaturas com nossos tipos de corpos e cérebros.

O significado não provém, portanto, apenas de estruturas “internas” ao organismo, nem tampouco de estruturas “externas”, mas sim de padrões recorrentes de interação entre organismo e ambiente. É interessante destacar aqui o trabalho de Rohrer (2001) que apresentou evidências experimentais indicando que a parte do córtex motor conectada com as mãos torna-se ativa

não apenas em experiências com as mãos, mas também em sentenças literais sobre as mãos – e em sentenças metafóricas que têm as mãos como domínio-fonte. Tais resultados fornecem suporte à teoria corporificada do significado.

## 2. Reduccionismo-relativismo

Outra questão retomada pelo *realismo corporificado* é a dicotomia *reduccionismo-relativismo*. A visão defendida em “Philosophy in the Flesh” é a de que, embora aspectos de nossa corporificação compartilhada associados a pontos comuns de nosso ambiente compartilhado desencadeiem esquemas imagéticos e muitas metáforas conceptuais comuns, há espaço no interior dessas restrições gerais para extensa variação cultural no modo pelo qual o significado é estendido e elaborado. Por exemplo, é natural que criaturas com o nosso tipo de corpo, localizado em um campo gravitacional como aquele em que vivemos, tenham algum tipo de esquema de verticalidade, algum tipo de esquema de equilíbrio e alguns esquemas de interação baseados em força. Entretanto, há grande variabilidade nos modos como a noção de orientação vertical pode ser interpretada e a avaliação que pode ser atribuída a ela, embora esse sistema utilize esquemas imagéticos e metáforas conceptuais universais.

É interessante retomarmos aqui o artigo “Language, culture and the embodiment of spatial cognition”, de Chris Sinhá e Kristine de López, publicado na revista “Cognitive Linguistics” (vol 11, 2000). As autoras argumentam que crianças na faixa etária de 15-20 meses integram conhecimento social normativo sobre o uso canônico de artefatos com a capacidade (biologicamente baseada) de esquematizar relações espaciais.

Com base em um experimento envolvendo tarefas de imitação-de-ações, crianças em processo de aquisição das línguas dinamarquesa e zapoteca foram comparadas. As instruções foram as seguintes: “Você pode fazer o que eu fiz?”, “Você pode fazer igual?”. Foram usados *containers* familiares tanto a crianças dinamarquesas quanto zapotecas: canecas, no primeiro caso e cestos de palha, no segundo. Pediu-se que as crianças imitassem ações de colocar um objeto *dentro*, *sobre* ou *sob* o *container*. As respostas das crianças dinamarquesas demonstraram um efeito canônico, ou seja, uma tendência para colocar objetos *dentro* da caneca. Já as crianças zapotecas não demonstraram nenhuma tendência desse tipo.

A explicação sugerida pelas autoras baseia-se não apenas em diferenças linguísticas, mas também em diferenças culturais entre os grupos. Segundo elas, as crianças zapotecas não apresentam uma tendência para colocar objetos “dentro” do cesto nos seus padrões de respostas pela simples razão de que cestos não são usados como containers canônicos. Na vila em que o estudo foi conduzido, os cestos são comumente usados em orientação “invertida”, como “coberturas” para *tortillas* e outros alimentos, e são armazenados em orientação invertida. São também frequentemente invertidos em jogos infantis, como por exemplo, pegar galinhas. Nessa cultura, portanto, o esquema de *container* não é canonicamente associado a uma orientação com a cavidade para cima. Conclui-se, portanto, que diferenças socioculturais não-linguísticas com relação ao uso

canônico de artefatos, corporificadas em culturas materiais e exemplificadas em práticas culturais não-lingüísticas, permitem conceptualizações levemente diferentes da noção de “container” em diferentes culturas.

O relativismo, em seu sentido mais ortodoxo, normalmente envolve duas suposições:

- 1) Não há universais conceptuais.
- 2) Há muitos conceitos que diferem consideravelmente através das línguas e que mudam ao longo do tempo.

Para o *realismo corporificado*, a primeira suposição é insustentável, já que se postula a existência de esquemas imagéticos primitivos, esquemas de controle motor (Narayanan, 1997), metáforas primárias (Grady, 1997), assim como trabalhos tradicionais sobre termos centrais para cores (Lakoff, 1987).

A suposição (2) pode ser admitida para “muitos” conceitos, mas nem todos. Por esse motivo, o *realismo corporificado* adota uma terceira posição em função de evidências empíricas: há extensa variação cultural em sistemas conceptuais que foram estudados em detalhe, mas há também universais conceptuais. Considerando-se o chinês e o inglês, por exemplo, verifica-se que ambos usam conceitos relacionados a partes do corpo em função do papel crucial das estruturas sensório-motoras. Entretanto, embora o inglês e o chinês possuam itens lexicais para *boca*, *lábio* e *língua*, e ambos tenham metáforas baseadas nessas estruturas corporais, o chinês tem um sistema de metáforas usando *boca*, *lábios*, e *língua* bem mais detalhado e desenvolvido do que o inglês.

A discussão das dicotomias apresentadas até aqui demonstra que a Lingüística Cognitiva busca basear-se em estudos empíricos sobre a mente, o pensamento e a linguagem. Não é possível fornecer uma teoria adequada dessas questões importantes meramente com base em suposições filosóficas *a priori* a respeito desses assuntos. Podem existir debates consideráveis sobre como interpretar os estudos empíricos, mas os debates precisam citar evidências convergentes, e não suposições filosóficas de gabinete.

### 3. A questão da categorização

Uma das heranças da tradição filosófica ocidental é uma teoria da psicologia das faculdades, na qual há uma “faculdade” da razão que se mantém separada e independente do corpo. Em particular, a razão é vista como independente da percepção e do movimento corporal. Além disso, essa capacidade autônoma da razão é vista como aquilo que nos torna essencialmente humanos, e nos distingue dos animais.

Entretanto, evidências das ciências cognitivas demonstram que não há uma faculdade autônoma da razão separada e independente das capacidades corporais tais como percepção e movimento. As evidências indicam que a razão desenvolve-se a partir dessas capacidades corporais.

Tais achados das ciências cognitivas apontam para duas conclusões pouco ortodoxas: em primeiro lugar, evidenciam que a razão humana é uma forma de razão animal, uma razão intimamente ligada a nossos corpos e

peculiaridades de nossos cérebros. Segundo, esses resultados informam que nossos corpos, cérebros e interações com o ambiente fornecem a base, em grande parte inconsciente, de nossa metafísica cotidiana, ou seja, de nosso sentido do que é real.

Uma das conseqüências da razão corporificada é a categorização, que é, em grande parte, não um produto do raciocínio consciente dos seres humanos, mas de sua interação com o meio ambiente com base em seus corpos e mentes.

O primeiro fato importante que deve ser notado com relação à categorização é o fato de que ela constitui uma conseqüência inevitável da estrutura biológica humana. Por exemplo, cada olho humano tem 100 milhões de células sensíveis à luz, mas apenas 1 milhão de fibras que levam ao cérebro. Cada imagem precisa, portanto, ser reduzida em complexidade a um fator de 100. Isso significa que a informação em cada fibra constitui uma “categorização” da informação em torno de 100 células. Categorizações neurais desse tipo existem por todo o cérebro, até os níveis mais altos de categorias das quais podemos ter consciência. Quando vemos árvores, nós as vemos como “árvores”, e não apenas como entidades individuais distintas umas das outras. O mesmo ocorre com pedras, casas, etc.

Uma pequena porcentagem de nossa categorização forma-se por ato consciente, mas a maioria se forma automaticamente de forma inconsciente como resultado de nosso funcionamento no mundo. Mais importante ainda, é que não apenas nossos corpos e cérebros determinam que nós categorizemos; também determinam que tipo de categorias teremos e a estrutura que tais categorias terão. As peculiaridades do corpo humano contribuem para as peculiaridades do sistema conceptual. Temos olhos e orelhas, pernas e braços que trabalham de certas maneiras e não de outras. O sistema visual fornece estrutura por meio de mapas topográficos e células sensíveis à orientação, que moldam nossa habilidade de conceptualizar relações espaciais. As habilidades de movimento que possuímos e de perceber o movimento de outros objetos dão ao movimento um papel fundamental em nosso sistema conceptual. O fato de termos músculos e usá-los para aplicar força de certa forma leva à estrutura de nosso sistema de conceitos causais. O que é importante, portanto, não é apenas o fato de termos corpos e de que o pensamento é de certa forma corporificado. Mais importante ainda é que a natureza peculiar de nosso corpos modela nossas possibilidades de conceptualização e categorização.

## Conclusão

O presente trabalho abordou aspectos relacionados à natureza da *razão* e da *conceptualização*, apresentando a perspectiva experientalista com relação às dicotomias *empirismo/racionalismo* e *reducionismo/relativismo*, além de abordar questões vinculadas ao processo de *categorização*.

Embora o Realismo Corporificado constitua uma perspectiva filosófica que permite a abordagem de questões tradicionais tais como a natureza da

*verdade, significado, compreensão, mente, conceitos, razão, causação, eventos, tempo e moral* sob novo enfoque, é importante ressaltar que a abordagem proposta não é algo simplesmente “adicionado” à Linguística Cognitiva, mas provém de seus resultados empíricos mais fundamentais.

## Referências Bibliográficas

DAMASIO, A. R. *Descartes' Error: Emotion, Reason, and the Human Brain*. New York: Grosset/Putnam, 1994.

ELMAN, J., BATES, E., JOHNSON, M., KARMILOFF-SMITH, A., PARISI, D. & PLUNKETT, K. *Rethinking Innateness: A Connectionist Perspective on Development (Neural Networks and Connectionist Modeling)*. Cambridge, MA: MIT Press, 1996.

GRADY, J. E. *Foundations of meaning: Primary metaphors and primary scenes*. Unpublished Ph D. dissertation, University of California at Berkeley, 1997.

JOHNSON, M. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

\_\_\_\_\_ & LAKOFF, G. Why cognitive linguistics requires embodied realism. *Cognitive Linguistics*, vol 13-3, p. 245-263, 2002.

LAKOFF, G. *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal About The Mind*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1987.

\_\_\_\_\_ & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1980.

\_\_\_\_\_ & \_\_\_\_\_, *Philosophy in the Flesh*. New York: Basic Books, 1999.

NARAYANAN, S. *Embodiment in language understanding: Sensory-motor representations for metaphoric reasoning about event descriptions*. Unpublished PhD dissertation, Department of Computer Science, University of California, Berkeley, 1997.

REGIER, T. *The Human Semantic Potential: Spatial Language and Constrained Connectionism*. Cambridge MA: MIT Press, 1996.

ROHRER, T. *The Neurophysiology of Cognitive Semantics*. Talk presented At the Seventh International Cognitive Linguistics Conference, Santa Barbara, California, 2001.

SINHÁ, C. & LÓPEZ, K. Language, Culture and the Embodiment of Spatial Cognition. *Cognitive Linguistics*. Vol 11, 2001.

TALMY, L. Force Dynamics in Language and Thought. In *Papers from the Parasession on Causatives and Agentivity*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1985.

